

A ARMA SECRETA

ROBERT MUCHAMORE

TRADUÇÃO DE
MIGUEL MARQUES DA SILVA



Parte Um

Janeiro de 1941

No início de 1941, a Alemanha nazi dominava a Europa Ocidental. O Reino Unido estava sob cerco. Bombardeiros atacavam as cidades pelo ar, enquanto frotas de submarinos apossavam os navios da marinha mercante que traziam mantimentos vitais do outro lado do Atlântico.

No ano anterior, o primeiro-ministro britânico, Sir Winston Churchill, dera ordem para “deixar a Europa em chamas” e criara o Serviço de Operações Especiais. A tarefa deste exército secreto era recolher informação e planejar operações de sabotagem na Europa ocupada pelos nazis.

Além dos numerosos funcionários na sede londrina em Baker Street, o SOE tinha campos de treino por todo o país. O mais controverso ficava junto a uma linha de tiro de artilharia numa zona rural de Inglaterra. Era a sede da Unidade B da Divisão de Espionagem e Reconhecimento, que estava sob o comando operacional de Charles Henderson.

Henderson já estivera infiltrado na França ocupada. Para completar a sua missão, recrutara quatro jovens e acabara por perceber que as crianças eram valiosas em operações infiltradas, porque os adultos não suspeitavam delas.

A equipa original de Henderson consistia em: Mark Kilgour, um órfão francês de 12 anos; Paul Clarke, também de 12 anos; Rosie, a irmã de 13 anos de Paul; e PT Bivott, um fugitivo americano de 15 anos.

Quando Henderson regressou ao Reino Unido, ficou subordinado ao SOE e começou a recrutar e treinar mais rapazes para operações infiltradas em França.

Capítulo Um

– De pé ao lado das camas! – gritou Evan Williams. – As luzes apagam dentro de sete minutos.

Williams era um galês baixo com sobranceiras enormes e unidas que lhe atravessavam a cara. Viviam 24 jovens no seu dormitório. Os rapazes correram descalços pelo linóleo frio, guardando as escovas de dentes nos cacifos ao fundo das camas e colocando as toalhas sobre os aquecedores, antes de se posicionarem ao longo do corredor entre as camas de metal, prontos para a inspeção.

As camas estavam impecavelmente feitas. Os pertences dos rapazes tinham de estar bem arrumados nos cacifos, com as botas ou as sapatilhas limpas e pousadas em cima destes.

– Sentido!

Os rapazes assumiram uma postura rígida. Tornozelos juntos, olhar fixo para a frente, ombros para trás. Williams teria gostado que os rapazes tivessem pijamas a condizer, mas havia falta de roupa e os recém-chegados vestiam o que tinham trazido consigo.

– Nada mau – resmungou Williams ao passar pelo primeiro par de camas.

Na cama seguinte, enfiou dois dedos entre o colchão e a armação ferrugenta da cama.

– Por amor de *Deus!* – exclamou ele.

Arqueando as enormes sobranceiras, o galês espetou os dedos sujos de ferrugem na cara de um rapaz de 13 anos com cabelo castanho encaracolado e olhos escuros.

Troy LeConte sabia que estava a ser tramado: as camas eram velhas e qualquer uma sujaria os dedos com ferrugem. Era a maneira de Williams mostrar que podia lixá-los, mesmo que cumprissem todas as regras.

– Então, LeConte? – perguntou Williams. – O gato comeu-te a língua? O que é isto?

Troy não sabia como se dizia “ferrugem” em inglês, mas achou que uma resposta rápida era melhor do que resposta nenhuma.

– É o seu dedo, senhor – respondeu Troy num forte sotaque francês.

A resposta fez com que os outros rapazes se rissem a medo e deixou Williams irritado.

– Eu sei que é o meu dedo, franciú dum raio – rugiu o galês.
– Estava a perguntar o que é isto no meu dedo.

Troy ficou com os olhos trocados quando Williams lhe esfregou o dedo sujo no nariz.

– Não sei como se diz – explicou Troy.

– Seu idiota! – gritou Williams, agarrando Troy pelo colarinho da camisola interior e puxando-o para a frente para lhe dar um tabefe na cabeça. – Duche frio, cinco da manhã.

Quando Williams o largou e passou à cama seguinte, Troy esfregou a cabeça e voltou a pôr-se em sentido. Não suportava o galês, mas já vira rapazes a safarem-se pior na inspeção. Troy virou a cabeça tanto quanto se atrevia, observando a

expressão de alívio na cara dos rapazes à medida que Williams passava por eles.

– Mason LeConte – disse Williams quando estava quase no outro extremo do dormitório. – Pelos vistos, a estupidez é de família.

O irmão de Troy só tinha 8 anos, mas isso não impediu que Williams lhe torcesse a orelha e o puxasse para cima até o rapaz ficar em bicos de pé.

– Os cobertores não estão direitos, seu *estúpido* – gritou Williams.

Mason soltou um grito de dor que revoltou as entranhas do irmão mais velho. Troy sentiu-se culpado quando Williams atirou a roupa da cama do irmão para o chão. Mason era o rapaz mais novo do dormitório e Troy costumava ajudá-lo antes da inspeção, mas hoje a empregada da noite mandara-o buscar velas ao andar de cima e mal tivera tempo para fazer a sua cama.

– Nunca vi tamanha desarrumação – bradou Williams, levantando a tampa de metal do cacifo de Mason e espalhando o conteúdo pelo chão. – Por acaso, és débil mental?

– Não, senhor – choramingou Mason.

Williams virou o cacifo de Mason ao contrário e, a seguir, abanou o rapaz pelos ombros.

– Este estojo de engraxar sapatos está um nojo. *Nada* está dobrado como deve ser. Porque é que há lama na sola desta sapatilha?

No fim de cada frase, Williams cravava dois dedos nas costelas de Mason, fazendo-o contorcer-se de dor.

– Vem falar comigo ao meu gabinete logo pela manhã – gritou Williams. – E duches frios durante uma semana.

– Não! – gemeu Mason, tentando soltar-se. – Deixe-me em paz.

Troy sabia que ia meter-se em sarilhos se interferisse, mas que tipo de pessoa ficava parada a olhar enquanto o irmão mais novo era maltratado?

– Inaceitável! – gritou Troy, usando a única palavra em inglês que lhe ocorreu quando se afastou da sua cama e começou a atravessar o corredor estreito pelo meio das camas.

Alguns rapazes sussurravam avisos e um até se atravessou no seu caminho.

– Ele vai matar-te – avisou o rapaz.

– Não armes confusão, colega – implorou outro, mas Troy seguiu em frente.

O rapaz imaginou um gesto heroico: derrubar Williams com um murro no queixo ou cortar-lhe a cabeça com uma espada. Mas, na realidade, era apenas um rapaz de 13 anos de camisola interior e calções largos diante de um homem crescido com raiva nos olhos e botas ferradas.

– Parece que tenho visitas – disse Williams com um sorriso cruel quando empurrou Mason para cima da cama. – Em que posso ajudar-te?

Troy estava a tremer, mas não podia regressar submissamente para a sua cama com os outros rapazes a ver.

– Ele tem 8 anos – disse Troy. – Porque não o ajuda em vez de o magoar?

– Senão o quê, valentão? – troçou Williams. – Este é o meu dormitório. Eu é que faço as regras.

Troy já lutara algumas vezes na vida. Ganhara mais vezes do que perdera, mas o soco que atirou a Williams não foi o seu melhor. Resvalou na carne do braço de Williams, mal encorri-lhando a camisa.

– Atraves-te a bater-me? – rugiu Williams.

Troy deu por si atirado para cima da cama de Mason, com Williams a torcer-lhe o braço atrás das costas e as pernas do irmão presas por baixo do seu corpo.

– George, Tom, tratem dele.

George e Tom eram dois rapazes entroncados de 15 anos. Eram os bufos e capangas de Williams, que os deixava maltratar e roubar os outros rapazes.

– Levem os dois para baixo – ordenou Williams, antes de apontar para Troy. – E tornem a viagem *dele* desconfortável.

Troy não sabia o que significava “ser levado para baixo”, mas George e Tom sorriam sadicamente quando o agarraram pelos braços e o puxaram para fora do dormitório. Depois de o arrastarem 10 metros pelo corredor gelado, os dois rufias viraram para um vestiário às escuras e Troy sentiu um cabide a cravar-se nas suas costas quando foi empurrado para um canto.

– Levanta os punhos, seu francês magricela – riu George, assumindo uma postura de boxe.

O rapaz de 15 anos era grande de mais para o pijama que trazia vestido e a parte de cima desabotoada deixava à vista o torso musculado.

Troy ergueu os punhos, mas George era demasiado forte.

O primeiro murro deixou Troy sem defesas. O segundo acertou-lhe no queixo, fazendo os dentes do rapaz chocalhar.

– Há muitos mais donde estes vieram – riu George.

A seguir, o rufia agarrou Troy pelo pescoço, dobrou-o e asentou-lhe uma joelhada na barriga. Troy gemeu de dor e vomitou quando sentiu a garganta encher-se de fel ácido. George deu mais alguns murros e recuou, dando espaço a Tom para puxar Troy do canto e o rasteirar, fazendo o rapaz espalhar-se ao comprido no chão.

– Dói, não dói, franciú? – sorriu Tom.

Com um gemido, Troy virou-se para cima, sentou-se e levou as mãos à barriga quando desatou a tossir.

– Agora podemos fazer o que quisermos contigo – acrescentou George. – Imagina, tentar bater no Williams! Assinaste a tua sentença de morte.

Troy estava indefeso, sentado no chão do vestiário às escuras com dois brutamontes em cima dele. Sentia dores em várias partes do corpo e tinha sangue a escorrer do nariz. Lá fora no corredor ouviam-se gritos e Troy viu as pernas de Mason a passar quando Williams o arrastou diante da porta.

George levantou Troy do chão sujo, tencionando dar-lhe um pouco mais de pancada, mas Williams chamou do fundo do corredor.

– Tragam cá o Troy. Quero estar no meu quarto antes que comece a *Hora do Livro* na rádio.

Ouviu-se um trinco metálico a abrir. Com uma mão a agarrar o pescoço de Mason, Williams abriu uma porta com o pé e o ar frio do exterior entrou pelo corredor. Troy entendeu

finalmente o que significava “ser levado para baixo” quando foi arrastado, descalço, pelo pátio gelado nas traseiras do edifício.

– Não vou para ali – choramingou Mason quando Williams levantou a portada de madeira que tapava a entrada para a cave do carvão. – *Por favor*, não me obrigue.

– É a única maneira de aprenderem – gritou Williams. – A escolha é tua: podes sentar-te na berma e saltar, ou podes ser atirado lá para baixo.

O carvão estava empilhado quase até cima num dos cantos da cave. Mason deu um salto pequeno até à parte mais alta da pilha e desceu pelo carvão até uma parte descoberta de chão, no canto oposto.

– Cuidado com os ratos – troçou Tom. – Podem roer-te os dedos dos pés se adormeceres.

George estava pronto para atirar Troy para dentro da cave.

– Espera – ordenou Williams. – Deixa-me olhar bem para ele.

Tom passou um braço musculado pela cintura de Troy. Williams aproximou-se para ver melhor e sorriu. O choro de Mason ecoava na cave abaixo.

– Nunca gostei de franceses – disse Williams, antes de dar uma bofetada na cara de Troy. – Atirem-no lá para baixo.

Troy ainda tinha a cabeça a andar à roda por causa do tafebe quando Tom o largou. George deu um pontapé na parte de trás dos joelhos de Troy, fazendo-o dobrar as pernas e cair de cara no monte de carvão. A portada de madeira fechou ruidosamente sobre a cabeça de Troy e Williams prendeu uma trave sobre a portada, para a trancar.

– Durmam bem, rapazes – disse Williams num tom cruel.

– Mas não se esqueçam dos ratos – acrescentou George.

Mason estava de pé, encostado à parede nua. A escuridão era total, tinha os pés em água gelada e estremeceu só de pensar nos bichos a rastejar por todo o lado.

– Troy? – chamou baixinho, antes de desatar a tossir incontavelmente porque o pó do carvão lhe fazia comichão na garganta.

Mason esperou que as vozes lá fora desaparecessem antes de tatear pelo monte de carvão gelado e choramingou quando a sua mão tocou nas costas de Troy, entre as omoplatas.

– Troy? – disse Mason, tateando freneticamente. – O que se passa, Troy? Estás morto?